

A ASSOCIAÇÃO DA PRÁTICA DO TREINAMENTO DESPORTIVO E O RENDIMENTO ACADÊMICO DOS ALUNOS-ATLETAS DO CEFET-ES

Danilo Abdalla Guimarães¹, José Fernandes Filho².

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a associação da prática do treinamento desportivo escolar com o rendimento acadêmico e a aproximação com o ambiente escolar dos alunos-atletas do ensino médio de ambos os sexos na faixa etária de 15 a 17 anos do CEFET-ES. A pesquisa desenvolvida caracteriza-se como descritiva, experimental e comparativa. Para a composição da amostra, foram criados dois grupos, de acordo com critérios de inclusão e exclusão de participação na pesquisa. O grupo experimental (GE), composto por 70 alunos-atletas praticantes do treinamento desportivo no CEFET-ES e o grupo controle (GC), composto também por 70 alunos, porém não-praticantes de atividades desportivas no CEFET-ES, todos na faixa etária entre 15 e 17 anos, cursando a 2ª e 3ª séries do ensino médio. Após a criação dos grupos, definiu-se como estratégia inferencial a criação de uma metodologia de intervenção que consiste no plano clássico de treinamento desportivo, desenhado por Matveev para o GE. Metodologicamente, a coleta de dados iniciou pela obtenção de informações sobre a rotina do GE, passando, posteriormente ao levantamento das médias bimestrais gerais dos dois grupos, durante os períodos de treinamento, sendo posteriormente analisado dentro e entre os grupos separados por gênero a questão do rendimento acadêmico. Após realizados testes intra e inter grupos, como resultado dessa análise, o tratamento estatístico apresentou a inexistência de diferença significativa para $p < 0,05$ entre os grupos em relação a variável rendimento acadêmico, identificando através de análise dos dados coletados em campo uma aproximação dos alunos-atletas com o ambiente escolar.

Palavras chave: Treinamento desportivo escolar, rendimento acadêmico, ambiente escolar.

ABSTRACT

This study aimed to examine the effects of the practice of sports training school with the academic performance and rapprochement with the school environment for students-high school athletes of both sexes in the age bracket of 15 to 17 years of CEFET-ES. The research developed characterizes himself as descriptive, experimental and comparative. For the composition of the sample, were created two groups according to criteria of inclusion and exclusion from participation in the search. The experimental group (GE), composed of 70 student-athletes in sports training of practitioners CEFET-ES and the control group (CG), also composed of 70 students, but non-practicing of sports activities in CEFET-ES, all in the age group between 15 and 17 years, taking a 2-and 3-series of high school. After the creation of groups, it was defined as a strategy inferential the creation of a method of intervention that is the plan of classic sports training, designed by Matveev for GE. Metodologicamente, the collection of data inciu by obtaining information on the routine of GE, passing, after the lifting of the average bimonthly general of the two groups, during periods of training, and then examined within and between groups divided by the issue of gender academic performance. After tests intra-and inter groups, as a result of this analysis, the statistical treatment showed the absence of significant difference for $p < 0.05$ between groups regarding variable academic performance, identifying through analysis of data collected in the field an approximation of student-athletes with the school environment.

Key words: Sports training school, academic performance, the school environment.

INTRODUÇÃO

Há muito se ressalta, no Brasil, a importância de discussões que abordem a educação escolar para além das suas determinações mais diretas (LIMA e MONSON, 2007). O que enseja a necessidade de uma formação integral do aluno como forma de preparação mais adequada e dirigida às expectativas contemporâneas. Para Veiga (2000), o termo formação integral significa a junção de quatro aspectos realizáveis na escola: cultural, sócio-político, profissional e humanístico. Nesse sentido, o treinamento desportivo escolar pode se constituir em um componente de alta importância em busca desta formação. Matveev (1997) relaciona o termo treinamento à área da educação, destacando os aspectos

pedagógicos. Segundo o autor: “O treino dos desportistas é um dos componentes do sistema geral de educação, incluído nos ideais do desenvolvimento integral do homem. Nisto consiste, em definitivo, a essência social e pedagógica do treino desportivo”.

No que diz respeito ao treinamento desportivo como atividade extracurricular, vale destacar que o esporte fornece a educação diversos benefícios diretos e indiretos, tais como: estímulo ao instinto de cooperação, socialização, desenvolvimento motor, além dos benefícios diretos à saúde física e mental. Em termos cognitivos, a função geradora de proteínas para o cérebro provocadas a partir de exercícios físicos, parte da afirmação de que a maioria dos neurotransmissores intermediam as relações entre as células nervosas e entre estas e as demais (MAUGHAN, 2000). O simples fato de promover o desenvolvimento humano fez com que o esporte fosse cogitado para compor os currículos escolares. Barbanti (1979) explica que na área dos esportes, o treinamento desportivo tem sentido e objetivos bem definidos, envolvendo basicamente a preparação técnica, física, tática, psicológica e intelectual, utilizando o exercício físico como via para a realização desses objetivos. “O treinamento esportivo é um processo organizado de aperfeiçoamento, que é conduzido com base em princípios científicos, estimulando modificações funcionais e morfológicas no organismo”.

No caso do CEFET-ES, o treinamento desportivo é desenvolvido para as seguintes modalidades: voleibol, basquetebol, handebol e futsal, todos no período noturno e em duas seções semanais de três horas. O treinamento é dirigido às competições estudantis que ocorrem durante o ano letivo, as quais também são consideradas como atividades formativas. Os treinos não podem ser considerados simplesmente como aulas de educação física uma vez que excedem em tempo e conteúdo o cumprimento das disposições curriculares.

Vale considerar que o ambiente em que se realizou esse estudo, o Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo – CEFET-ES é uma instituição voltada para a formação técnica que visa, essencialmente, a preparação dos alunos para o mercado de trabalho, logo o ensino dessa escola preza pela excelência e a obtenção de um nível de formação elevado, razão pela qual abriga em seu sistema educacional atividades extracurriculares, tais como o treinamento desportivo e outras como: teatro, aulas de inglês, coral, orquestra, grêmio escolar, mini-ong e mini-empresa, ligadas ao desenvolvimento sócio-cultural.

Ao observar a estrutura da instituição descrita especialmente no que se refere a treinamento desportivo escolar, o objetivo desse artigo é analisar a associação da prática do treinamento desportivo com o rendimento acadêmico dos alunos do ensino médio de ambos os sexos na faixa etária de 15 a 17 anos do CEFET-ES.

METODOLOGIA

Metodologicamente esse estudo pode ser classificado como uma pesquisa descritiva e comparativa. No campo da amostragem, esta contemplou 140 alunos, todos na faixa etária entre 15 e 17 anos, abrangendo indistintamente ambos os sexos, cursando o ensino médio, matriculados nas 2ª e 3ª séries no período matutino em períodos letivos anuais do CEFET-ES. Para a formação do grupo experimental optou-se pela definição intencional da amostra, o que resultou na seleção de 70 alunos-atletas das modalidades de basquetebol, futsal, handebol e voleibol que participam do treinamento desportivo escolar a pelo menos 1(um) ano. Já para a composição do grupo de controle, a amostra foi, segundo Thomas e Nelson (2002) aleatória não-probabilística, considerando que a população foi dividida em algumas características (faixa etária e não participantes de atividades desportivas na instituição) antes da seleção aleatória, tais procedimentos resultaram na seleção de 70 alunos-não-atletas.

O estudo é de cunho experimental, pois foi aplicada uma metodologia de intervenção (periodização do treinamento desportivo) em um dos grupos de pesquisa o GE, sendo considerado para efeitos comparativos o modelo clássico de periodização do treinamento desportivo dividido em três períodos: preparatório, competitivo e de transição, que possibilita a observação, análise e descrição objetiva, de que se os períodos interferem no rendimento acadêmico, enquanto se construiu outro grupo que não sofreu qualquer tipo de intervenção o GC. O tratamento estatístico determinou apenas se os grupos apresentam diferenças significativas; não, o porquê deles serem diferentes, objetivando, portanto, a aceitação ou rejeição da hipótese nula (THOMAS E NELSON, 2002). Nesse sentido, desenvolveu-se um estudo quantitativo, pois os dados coletados foram submetidos a instrumentação objetiva, determinada antecipadamente e tratada através de métodos estatísticos. Essencialmente predomina o aspecto comparativo na pesquisa, porque explora as diferenças nas médias bimestrais gerais dentro dos

períodos de treinamento desportivo no grupo experimental e compara essas médias entre o grupo experimental e o de controle, separados por sexo.

Para analisar a variável rendimento acadêmico, foi utilizada a média bimestral geral dos alunos-atletas (grupo experimental) e não-atletas (grupo controle) que foi calculada pela soma das pontuações obtidas nas disciplinas (desenho, biologia, educação física, física, geografia, história, inglês, matemática, organização para o trabalho, português, química e sociologia), que é de 0 a 25 pontos por bimestre, dividida pelo número de disciplinas, sendo certo que para a exposição dos resultados, utilizou-se o critério de arredondamento, no qual abaixo de 0,5 arredondamento para baixo, acima de 0,5 arredondamento para cima, ex: $17,50=17,00 - 17,60=18,00$. O período preparatório é correspondente ao primeiro bimestre, o período competitivo ao segundo e terceiro bimestres e para tanto foi calculada a média da média dos dois bimestres e o período de transição ao quarto bimestre.

O tratamento estatístico foi realizado através de análise descritiva e inferencial dos dados da pesquisa. Analisou-se a amostra através dos testes de significância ao nível de 5%. Para verificação da normalidade da amostra utilizou-se o teste de Shapiro-Wilk para o grupo experimental e controle separados por sexo. Optando-se para testes comparativos intra e entre grupos, a Anova para grupos com distribuição paramétrica e Kruskal-Wallis para não-paramétricos.

RESULTADOS

Primeira etapa:

Para a verificação do comportamento das médias bimestrais gerais do GEM durante os 3(três) períodos de treinamento desportivo (preparatório, competitivo e de transição) foi utilizada uma Anova com post hoc de tukey, não apresentando significância para $p<0,05$ em nenhum dos períodos. A seguir apresentam-se os dados descritivos do GEM – Tabela 1 e o resultado da Anova – Tabela 2.

Tabela 1. Dados descritivos do grupo experimental masculino durante os períodos de treinamento desportivo.

	Preparatório	Competitivo	Transição
N	36	36	36
Média	18,36	18,25	17,91
DP	2,307	1,947	2,589
Mínimo	13,00	15,00	16,00
Máximo	22,00	23,00	23,00

Tabela 2. ANOVA para a comparação do comportamento das médias intraperíodos e interperíodos do GEM.

	Somatório dos quadrados	Df	Média quadrados	F	Sig.
Intergrupos	3,852	2	1,926	,365	,695
Intragrupos	553,806	105	5,274		
Total	557,657	107			

Segunda etapa:

Para a verificação do comportamento das médias bimestrais gerais do GEF durante os 3(três) períodos de treinamento desportivo (preparatório, competitivo e de transição) foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis, não apresentando significância para $p<0,05$, em nenhum dos períodos. A seguir apresenta-se os dados descritivos do GEF – Tabela 3 e o resultado do Kruskal-Wallis – Tabela 4.

Tabela 3. Dados descritivos do grupo experimental feminino durante os períodos de treinamento desportivo.

	Preparatório	Competitivo	Transição
N	34	34	34
Média	20,08	20,00	18,50
DP	1,848	2,160	3,670
Mínimo	16,00	16,00	5,00
Máximo	23,00	23,00	23,00

Tabela 4. Resultado do teste de Kruskal Wallis realizado com o grupo experimental feminino.

	GEF
Qui-quadrado	4,177
df	2
Significância.	,124

Terceira etapa:

Na terceira etapa dos testes o tratamento estatístico foi utilizado para comparar o comportamento das médias bimestrais gerais entre o GEM e o GEF. Na análise, o resultado do teste de Kruskal-Wallis apresentou uma diferença significativa com $p=,000$, conforme demonstrado na Tabela 5.

Tabela 5. Resultado do teste de kruskal wallis para comparação das médias do ge separado por gênero.

	GEM/GEF
Qui-quadrado	20,888
Df	1
Significância	,000

Quarta etapa:

Utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis, para a comparação do comportamento das médias bimestrais gerais entre o GEM e o GCM, não apresentando significância com $p=0,569$, conforme expresso na Tabela 6.

Tabela 6. Resultado do teste de kruskal-wallis comparativo entre o GEM e o GCM.

	GE masc_GC masc
Qui-quadrado	3,867
Df	5
Significância	,569

Quinta etapa:

Nesta etapa foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis, para a comparação do comportamento das médias bimestrais gerais entre o GEF e o GCF, apresentando uma significância com $p=0,005$, conforme expresso na Tabela 7, com o GEF se sobrepondo ao GCF em todos os períodos correspondentes ao treinamento desportivo.

Tabela 7. Resultado do teste de Kruskal-Wallis comparativo entre o GEF e o GCF.

	GEF_GCF
Qui-quadrado	16,540
Df	5
Significância	,005

DISCUSSÃO

A análise dos resultados obtidos foi feita, através da coleta de dados referentes ao rendimento acadêmico do GE e GC correspondentes aos períodos de treinamento desportivo. O Grupo Controle tem nesse estudo a função de servir de parâmetro para comparação. O tratamento estatístico investigou a existência ou não de diferença significativa de rendimento acadêmico, analisando matematicamente a variância das médias bimestrais, especialmente no decorrer da periodização do treinamento.

O esporte na escola sofre algumas críticas, especialmente em termos de compatibilidade entre o tempo dedicado aos estudos e o tempo dedicado à prática desportiva. A informação de que o esporte “roubaria” tempo dedicado ao estudo foi contraditada pelo estudo de Gomes (2006) que analisando os motivos do abandono da prática de atividade física, encontrou nos limites de sua pesquisa uma porcentagem de 47% de alunos que abandonaram porque o estudo ou o trabalho exigem muito. Para o segundo motivo, em 1º lugar, aparece uma porcentagem de 34,59% por falta de tempo livre.

Outro problema que coloca o esporte como alvo das críticas na escola é a crença de que atletas sejam menos inteligentes do que os não-atletas. Existem muitos comentários e ideias diferentes a respeito da prática desportiva nas escolas. As opiniões são diversas e vão desde o apoio à existência das mesmas, até posicionamentos favoráveis à completa extinção dos desportos nas quadras escolares Viacelli (2002). Ainda citando a autora existe outro fato que nos faz refletir sobre a existência do desporto nas escolas: a discriminação sofrida por atletas e profissionais de Educação Física baseada na crença de que pessoas envolvidas com esporte ou atividades físicas não gostam de estudar ou que são realmente “menos inteligentes”. Investigando em um estudo a questão de rendimento acadêmico de alunos-atletas e não-atletas, a autora concluiu que as diferenças entre a quantidade de notas obtidas abaixo na média escolar, ou seja, o rendimento escolar dos alunos, independe da sua prática esportiva. Ao que parece, neste grupo analisado a prática de atividades físicas não foi capaz de auxiliar e nem de prejudicar os alunos no que diz respeito ao rendimento escolar. Portanto, a predisposição de se considerar alunos-atleta como sendo alunos “com muito músculo e pouco cérebro” mostra-se como um tipo de pensamento preconceituoso e isento de visão crítica aprofundada.

A dispersão das médias do GEM e do GEF não apresentou diferença significativa nos três períodos de treinamento: preparatório, competitivo e de transição, de acordo com os parâmetros estabelecidos para esta pesquisa, conforme representado na Tabela 5. Nesse ponto é importante lembrar o que menciona Dantas (1998) ao definir a periodização do treinamento: “periodização é o planejamento geral e detalhado do tempo disponível para o treinamento, de acordo com os objetivos intermediários perfeitamente estabelecidos, respeitando-se os princípios científicos do exercício desportivo”. Nessa pesquisa ficou evidente que a periodização do treinamento, foi realizada com sucesso, pois não interferiu negativamente nos resultados acadêmicos. Caso houvesse interferência negativa entre qualquer dos períodos o rendimento acadêmico do grupo experimental (alunos-atletas) inevitavelmente teriam que apresentar uma baixa nos resultados. Existem diversos fatores que influenciam o rendimento acadêmico, logo a prática desportiva pode ser considerada um deles.

Um ponto importante no qual o esporte é capaz de interferir justamente na orientação cultural do jovem, segundo Formiga (2001), o individualismo e o coletivismo são definidos como síndromes culturais e consistem em compartilhar atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu, sendo os valores dos membros de cada cultura organizados de forma coerente. Assim, estudantes que se orientam por um tipo ou outro de orientação cultural ou esportiva vão se comportar de maneira diferente, seja na forma de se autoperceber, seja nos seus relacionamentos interpessoais ou ainda em termos de comportamento, fatores que influenciam no rendimento acadêmico.

Comparando o GEF com GEM, houve diferença significativa com o GEF apresentando resultados melhores que o GEM, indicando que as alunas-atletas apresentam melhor performance na

conciliação entre treinamento desportivo e rendimento acadêmico o fato do subgrupo experimental feminino apresentar médias gerais bimestrais mais altas confirma as indicações de Saavedra (2005) que ao investigar a questão do desempenho de gênero em termos de rendimento acadêmico afirma que a diferença dentro de cada sexo, os rapazes podem ser organizados em grupos de rendimento acadêmico segmentado pela sua origem social, bem como as moças entre si. A classe social apresenta efeitos consideráveis, levando a que os rapazes das classes mais elevadas superem sempre as moças das classes mais baixas e vice-versa. Porém, a autora verificou que: “à exceção da disciplina de Educação Física, os rapazes dos estatutos socioeconômicos mais baixos obtêm pior rendimento acadêmico que as moças do mesmo estatuto socioeconômico”.(SAAVEDRA, 2005, p.1). Tal afirmação indica que em termos desportivos as diferenças são diluídas e a classe social passa a não interferir tanto.

De acordo com os resultados apurados nesse estudo, é possível afirmar que os componentes do subgrupo experimental feminino assimilam melhor a prática desportiva com a rotina acadêmica o que não significa que sejam superiores ou inferiores em sua formação integral. Complementando as informações acima, Sirard et al. (2006). informa que um levantamento realizado na Universidade de Columbia – Carolina do Sul, USA, mostra através de testes psicométricos que os meninos são mais atraídos pelas atividades desportivas na escola por conta da promoção social que essas atividades proporcionam o que não foi refletido nos resultados da pesquisa em termos de rendimento acadêmico onde o rendimento acadêmico dos meninos segue abaixo das meninas. Considerando os estereótipos de homens e mulheres a tendência do pensamento em relação ao rendimento no esporte é a sobreposição do gênero masculino em face do feminino, o que segundo Simões (2003) não acontece necessariamente dessa maneira. Enquanto os homens se mostram mais competitivos, as mulheres apresentam maior preocupação com o êxito sobre o domínio e o crescimento pessoal.

Na comparação entre o GE e GC separados por gênero, considerando como principal variável o rendimento acadêmico, os resultados apresentam uma igualdade entre o GCM e o GEM, conforme Tabela 6, não apresentando diferença significativa. Já em outra análise, houve diferença significativa entre as médias do GEF e GCF com o GEF se sobrepondo ao GCF, conforme demonstra a Tabela 7. Esse fato indica que o treinamento desportivo não prejudica o aluno-atleta sob qualquer aspecto, principalmente considerando o tempo dedicado ao treinamento por esse grupo pelo contrário só veio a valorizar a prática do mesmo.

O que remete a Lázaro (2003) quando afirma que por força do treinamento desportivo os alunos-atletas acabam por tornarem-se pensadores disciplinados. Para Formiga (2007) o rendimento acadêmico é determinado por diversos fatores, um deles estudado isoladamente é a orientação cultural que pode ser sintetizada nos conceitos básicos de individualismo e coletivismo. Essas duas ideias têm raízes sociais mas terão grande influência no campo educacional. O individualismo e o coletivismo são definidos como síndromes culturais e consistem em compartilhar atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu, sendo os valores dos membros de cada cultura organizados de forma coerente com um tema. Assim, estudantes que se orientam por um tipo ou outro de orientação cultural vão se comportar de maneira diferente, seja na forma de se autoperceber, seja nos seus relacionamentos interpessoais ou ainda em termos de comportamento.

Esses resultados servem para contestar algumas afirmações que colocam o esporte e/ou a educação física como disciplina pouco preocupada com a parte pedagógica por estar próxima do sistema esportivo e distante do sistema educacional, tal como afirma Bracht (1997, p.28): “A escola tem uma função inerente na sua especificidade, que é muito diferente do sistema esportivo”. As especificidades das instituições escolares impõem uma transformação aos saberes que nelas adentram e, por esse fato, o esporte precisa passar por um “trato pedagógico” para que se faça educativo e se integre num projeto pedagógico. Machado, Gomes (1999) sugerem que o aumento da sensação de controle, do sentimento de competência e da autoeficácia, além do lazer, proporciona interações sociais positivas melhorando o convívio na escola. Outro ponto importante percebido na relação entre esporte e educação é a questão da motivação para o sucesso, assim como em qualquer atividade na realização bem sucedida de tarefas acadêmicas não é diferente.

Segundo Azofeifa (2006) a motivação de uma criança ou adolescente pode ser condicionada inicialmente pelos pais e posteriormente pelos treinadores que de certa forma também se convertem na figura dos pais em determinados aspectos, encaminhando seus pupilos ao sucesso. Ainda em defesa da relação esporte e educação, Tubino (1993) informa que a iniciação desportiva ocorre em faixas etárias baixas, o que passa a exigir indicações psicopedagógicas para o êxito nesse trabalho”, por isso nesse ponto também se cruzam esporte e pedagogia.

Os resultados obtidos nessa pesquisa mostram que no CEFETE-ES a metodologia do treinamento é realizada com sucesso, já que a prática do treinamento desportivo, que envolve competições fora do ambiente escolar não prejudicou os alunos-atletas, os quais participam diretamente desse processo. A contribuição oferecida pelo esporte à escola encontra respaldo, principalmente na questão do combate as desigualdades, que segundo Akilian (2004) é importante transmitir a ideia de que o esporte torna todos iguais, sendo um importante instrumento de combate ao preconceito e a noção de aprendizado, especialmente quando se combate a competitividade excessiva e nociva à educação. O esporte deve unir os alunos e colocá-los em condição de iguais, capazes e com o mesmo grau de importância naquele momento.

CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo analisar associação da prática do treinamento desportivo escolar com o rendimento acadêmico dos alunos-atletas do ensino médio de ambos os sexos na faixa etária de 15 a 17 anos do CEFET-ES.

A identificação mais importante seria atestar se o treinamento desportivo na escola influi ou não no rendimento acadêmico de alunos-atletas, independente dessa influência ser positiva ou negativa. A analogia de que o esporte produz saúde e a saúde favorece ao aprendizado, foi interpretada como lugar comum na concepção desse trabalho, razão pela qual optou-se por averiguar a existência dessa associação e seus impactos, especialmente no que diz respeito ao rendimento acadêmico que tem como indicador as notas bimestrais.

A pesquisa foi construída sobre um arcabouço teórico que indicava que os períodos preparatório, competitivo e de transição teriam influência significativa no rendimento acadêmico do grupo experimental (alunos-atletas), o que efetivamente não aconteceu, conforme comprovado pelos resultados da pesquisa. Vale a pena considerar o não prejuízo, causado pela prática do treinamento desportivo, já que para efeito comparativo foram colocados lado a lado GEM e GCM, bem como GEF e GCF, ao qual o GE se apresentou no mesmo nível ou acima em termos de rendimento acadêmico em relação ao GC, mostrado nos resultados.

Importante destacar em relação à periodização do treinamento desportivo, que essa técnica figurou neste estudo como representante de uma metodologia de intervenção e de investigação a qual consiste no experimento aplicado. Esta partiu de um planejamento geral e detalhado do tempo disponível para o treinamento, de acordo com os objetivos intermediários perfeitamente estabelecidos, respeitando-se os princípios científicos do exercício desportivo. Os períodos de treinamento foram configurados de acordo com o calendário letivo e de competições do CEFET-ES, sua estruturação preocupou-se com a manipulação das fases de maneira a não causar danos e se adequar a vida acadêmica dos alunos-atletas, danos esses que poderiam ser físicos com cargas excessivas de treinamento causadores de fadiga ou psicológicos, que fatalmente levariam esses alunos a uma queda de rendimento, o que de fato não aconteceu, como ficou comprovado após apuração dos resultados das médias bimestrais gerais do grupo experimental masculino e feminino, apresentando um aproveitamento entre 70% e 80%. Tabelas 1 e 3.

Respondendo ao objetivo do estudo, conclui-se que em termos absolutos que não existe influência da prática do treinamento desportivo escolar no rendimento acadêmico de alunos-atletas. Esse fato por si só afasta as considerações de que o esporte na escola possa vir a prejudicar o rendimento de alunos-atletas.

REFERÊNCIAS

AKILIAN, F.El. Deporte como agente de formación escolar. Caso: taekwondo. **Revista Digital** 2004. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd76/tkw.htm>>. Acesso em 18 nov. 2008.

AZOFEIFA, E. G. Motivos de participación y satisfacción en la actividad física, el ejercicio físico y el deporte. **Revista Mhsalud**. 2006. Disponível em: <<http://www.una.ac.cr/mhsalud/documents/ElmerGarita-2006Motiva>>. Acesso em 2 nov. 2008.

BARBANTI, V. J. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. São Paulo: Edgard Blücher, 1979.

BRACHT V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

- DANTAS, E.H.M. **A prática da preparação física**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Shape, 1998.
- FORMIGA, N.S. Valores humanos e rendimento escolar. **Portal dos Psicólogos** 2001. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt>> . Acesso em 28 ago. 2008.
- FORMIGA, N.S. Pais e professores como explicação de variáveis do rendimento escolar. 2007. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0342.pdf>. Acesso em 28 set. 2008.
- GOMES, MJF. Características, interesse e motivações da prática de atividade física no tempo livre dos alunos do ensino técnico modular do CEFET-PB. 2006. **I Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica Natal** – RN. Disponível em: http://www.redenet.edu.br/publicacoes/arquivos/20070510_091215_LAZ%20002.pdf. Acesso em 03 out. 2008.
- LÁZARO, J.P.O.; CASIMIRO E.S.O.; Fernandes HMG. Determinação do Perfil Psicológico de prestação do jogador de handebol português: Um estudo em atletas da liga e da divisão de elite. **Portal dos Psicólogos** 2003. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt>. Acesso em 28 ago. 2008.
- LIMA, Débora Alonso de.; MONSON, Ricardo Marques. A relação entre Educação Física e esporte. **Revista Digital** [Buenos Aires] 2007;12(114):1. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd114/educac> ao-fisica-e-esporte-alguns-mitos-e-verdades.htm. Acesso 03 out. 2008.
- MACHADO J.A., GOMES A.C. Preparação desportiva no futsal: organização do treinamento na infância e adolescência. **Revista Treinamento Desportivo**. 1999. 4 (1). p.55-66. Disponível em: <http://www.boletimef.org/?canal=12&file=856>. Acesso em 28 ago. 2008.
- MATVEEV, L. P. **Metodologia e treinamento**. Treino desportivo. Guarulhos: Phorte, 1997.
- MAUGHAN, R. J. **Bioquímica do exercício e do treinamento**. São Paulo: Manole, 2000.
- SAAVEDRA, L. Escola, gênero e democracia: Caminhos da igualdade e da diferença. 2005 **Universidade do Minho**. [dissertação de mestrado]. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1822/3989>>. Acesso em 18 nov. 2008.
- SIRARD JUNIOR; PFEIFFER KA; PATE, R.R. Motivational factors associated with sports program participation in middle school students. **Journal of Adolescents Health**. 2006. Disponível em: http://www.find-health-articles.com/rec_pub_16730598-motivational-factors-associated-sports-program-participation-middle.htm. Acesso em 12 de nov. 2008.
- SIMÕES, A.C. **Mulher e Esporte**: Mitos e verdades. Barueri: Manole, 2003.
- TUBINO, M.J.G. **Metodologia científica do treinamento desportivo**. 11ed. São Paulo: Ibrasa, 1993.
- THOMAS, J.R.; NELSON J.K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3.ed. Artmed, 2002.
- VIACELLI, Samoara. Desporto e rendimento escolar. 2002. **Revista Digital** (8): 55. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efde55/despor.html>. Acesso em Jun 2008.
- VEIGA, I.P.A. **O Projeto Político Pedagógico da Escola**: Uma construção possível. 11ª ed. Campinas, Papirus, 2000.

¹ Mestre em Ciência do Movimento Humano pela Universidade Autónoma de Assunção – PY.

² Professor Doutor titular da Escola de Educação Física e Desporto-UFRJ.